



CRISE

Estando há pouco tempo na Ponte, como você identificou a crise de que fala? Como essa crise influencia a qualidade do trabalho que os alunos fazem? Pode dar-me um exemplo? Nos casos em que o processo de adaptação demore anos, como fica a aprendizagem desses alunos?

Professor:

Estive na Ponte como professor voluntário e verifiquei, comparando, que o tipo de trabalho que se realizava na altura era, em minha opinião, melhor do que o atual. Por exemplo, existe diferença ao nível do trabalho dos alunos e ao nível das atitudes que eles assumem. O ambiente de trabalho nos espaços não é tão sereno como era no primeiro ano em que estive na escola. Os alunos eram mais autônomos em relação aos professores. No entanto, tudo ocorria numa escola com muito menos alunos "complicados". Mas das crises resultam sempre significativos avanços...

Em alguns casos, o processo de adaptação demora mais tempo do que prevemos, o que não significa que os alunos não trabalhem e não continuem com o seu processo escolar. As questões da autonomia e do relacionamento com os outros demoram tempo a serem mudados, compreendidos, interiorizados. Em alguns destes casos, o simples fato de os alunos melhorarem a sua relação com a escola e aprenderem a ler e a escrever com alguma correção (alunos com 13/14/15 anos, que nos chegam depois de jogados fora de outras escolas) já é uma grande vitória. Em alguns casos, chega mesma a ser uma vitória o fato de esses alunos continuarem na escola.

Vocês disseram: "Mas os alunos só aprendem autonomia, se os professores forem autônomos". E, completando a reflexão: "os alunos só motivam-se com professores motivados". A Autonomia e Motivação dada aos professores oportunizaram a realização da Ponte. Percebemos também em nossas escolas o comprometimento de professores motivados, por propostas educacionais apresentadas, discutidas e construídas pela equipe de professores. Sabemos da importância de Gestores, ou Coordenadores, ou Pedagogos, não importa o nome que seja dado. São pessoas que atuam, apaixonadamente, apresentando ideias, criando espaços de reflexividade compartilhadas junto à equipe, motivando os professores ao



engajamento e à construção de novas propostas, buscando caminhos e reunindo acertos. O que me instiga à pesquisa, e talvez você me ofereça respostas, é de como ajudar que esta motivação e esta autonomia passem a fazer parte desta pessoa, como profissional, fazer parte do seu perfil, ser uma formação de "ensinagem" adquirida. Não sei se consigo passar para o papel o sentimento que tem me incomodado, há tempos.

O meu texto está ficando longo e talvez prolixo e redundante... Mas aqui coloco as questões: por que a equipe de professores perde a motivação e autonomia diante da mudança do líder? Porque estes professores motivados e por vezes autônomos numa proposta construída (e temos vivenciado isso) retomam a inércia e à dúvida de quem espera sempre o motivador. E porque se desestimulam novamente? Como tornar a equipe, motivada e autônoma, novos agentes de motivação para outros professores, com seus alunos?

Professor:

Esse é um dos grandes mistérios por desvendar. A "crise" que a Ponte está atravessando também se deve (em parte) à mudança de líder. A crise de liderança reforçou o conflito instalado. E decorrerão dois ou três anos, até que uma nova liderança seja devidamente reconhecida. E não ponho em causa a competência e dedicação do novo líder...

As regressões a que assisti, em projetos que acompanhei de muito perto, resultaram, quase sempre da mudança de líder. Sempre que isso aconteceu, muitos professores refugiaram-se em posições mais seguras, que o mesmo é dizer: mais acomodadas.

Como referi, esse fenômeno continua sendo um mistério por desvendar. Mas iremos conseguir entender.

Sou daquelas que acredito que os momentos de crises são ótimos para despertar o lado criativo de todos nós. Gostaria de saber as crises são fruto de pressões externas ou de âmbito interno. Qual o maior desafio atualmente para a continuidade da filosofia da escola, uma vez que vocês falam da fragilidade das instituições humanas? Existe algum projeto prospectivo a fim de garantir a continuidade da Escola da Ponte?



Professor:

Ao longo dos anos a escola sofreu muitas pressões externas. Houve momentos de crise agudas onde o projeto esteve realmente para ser "abatido". Mas a força da comunidade educativa impediu que tal acontecesse. Ainda recentemente esse apoio de toda a comunidade se fez sentir quando, mais uma vez, se pretendeu ameaçar a continuidade do projeto. Podemos dizer que já nos habituamos a essas pressões.

Em relação à metodologia de trabalho é natural que os pais tenham sempre muitas reservas. Mas na Ponte encontram um espaço onde podem colocar as suas dúvidas, opiniões e críticas. Não criamos barreiras artificiais, a essas pressões abrimos os braços. São também elas que nos permitem melhorar constantemente.

Em minha opinião a maior fonte de pressão somos nós próprios. O trabalho visto sempre de uma perspectiva coletiva, é sempre inacabado, imperfeito. Nós somos os nossos maiores críticos. E conseguimos ser agrestes nas nossas críticas. É verdade que o projeto é uma construção humana sempre sujeita a grandes tensões e conflitos. A abertura, a frontalidade, a solidariedade e amizade vão conseguindo manter a (difícil) estabilidade do corpo de orientadores.

Relativamente à continuidade do projeto, é difícil prever o futuro e dizer que está assegurada a continuidade. Mas a verdade é que temos um conjunto de orientadores motivados e um apoio (quase) incondicional dos pais. Enquanto assim for a continuidade do projeto está assegurada. Aliás, diga-se que nos somos um projeto com mais de trinta anos a que a tutela continua a chamar "experiência pedagógica"...

Penso na Ponte e nas nossas escolas... Por onde começar? Por que não conseguimos que algumas de nossas iniciativas isoladas tenham maior concretude? Aí pergunto: Como é vista a Escola da Ponte, com a sua autonomia conquistada, pelo sistema educacional português?

As demais escolas reconhecem a Ponte como um projeto de sucesso, que atravessa continentes? Há outras escolas experienciando o projeto, nas Aves, no Porto ou em Lisboa? Há trinta anos, iniciando a proposta de Fazer a Ponte, partiu-se de uma realidade (a histórica já foi citada) pedagógica?

Do que é hoje a Ponte, o que já existia naquele sistema educacional?

Professores tutores já se constituíam em uma realidade europeia?



Pai de aluna:

Uma das nossas dificuldades é falta de continuidade. Atua-se numa escola alguns poucos anos, parte-se para outra, onde se fica um pouco. São raríssimos os casos de gente como a da Ponte, dezenas de anos na mesma escola publica.

No sistema educacional português a Ponte foi a primeira escola a assinar um contrato de autonomia com o Ministério da Educação. Não existem modelos para isto. O modelo está sendo construído pela Ponte.

Em Portugal, a Ponte permanece ainda um pouco invisível. O que tem seu lado positivo. A visibilidade que ela ganhou, especialmente no Brasil, teve como um dos resultados certa perda da tranquilidade. São muitos visitantes diariamente por lá. Isto chama a atenção e atrai invejas e ciúmes de outras escolas que não atraem ninguém do outro lado do oceano. Alguém perguntou se algum dia a escola já foi pichada. Não é habito em Portugal este tipo de coisa. Mas já se agrediu muito a Ponte por inveja. Panfletos foram lançados na calçada em frente à escola, fazendo acusações infundadas, maledicências. Artigos anônimos, publicados em jornais locais, repetiam a mesma agressividade. Este tipo de reação houve. E penso que ainda continua a haver, embora talvez em menor grau.

A fama da Ponte lentamente se espalha, mais entre outros professores, e já há, em Portugal, quem deseje fazer mudanças em suas escolas, mudanças inspiradas neste trabalho.

Não sei lhe dizer se já havia professores-tutores 30 anos atrás. Sei que, 30 anos atrás, a realidade da escola e da Vila das Aves não era muito diferente daquela que caracteriza as pequenas cidades e as periferias de grandes cidades brasileiras: muita pobreza, a falta de alternativas, condições de trabalho bem adversas. Antigamente, onde hoje fica a Escola da Ponte, havia um "lixão". Por algum tempo, a escola funcionou junto a um odor terrível. Alguns anos depois, o lixo foi aterrado e concretado (e isto explica a pequena elevação sobre a qual a escola está construída hoje).

Os mais de 30 anos da Escola da Ponte são também os 30 anos de uma lição que Portugal nos dá: é possível melhorar econômica e socialmente ao mesmo tempo, é possível crescer e repartir o bolo ao mesmo tempo, é possível reduzir a pobreza, melhorar as condições de vida da maioria da população. A vida em Portugal, comparada à de 30 anos atrás, está bem melhor. Em 30 anos, deram um basta a uma ditadura, cresceram



economicamente e desenvolveram-se socialmente.

É de conhecimento que muitos alunos da Ponte foram "recusados" por outras escolas e devem ter chegado até vocês desmotivados e bastante descrentes quanto ao seu futuro. Imagino que foram acolhidos pela Ponte, trabalhados emocionalmente quanto à autoestima e outros processos emocionais e cognitivos, estimulando-os. Também imagino que muitos são alunos economicamente desprivilegiados. Não sei como é o sistema de admissão nas faculdades e universidades de Portugal, mas gostaria de saber como os alunos da Ponte enfrentam este processo, se eles se saem bem. Mesmo os que não cursam uma faculdade, como estão se saindo no "mundo real"? Usam sua autonomia no dia a dia? Vocês poderiam citar exemplos disso?

Professora:

De fato, há alunos que chegam à nossa escola marginalizada por outras, desmotivados em relação à função da escola nas suas vidas e com um profundo sentimento de frustração. A organização da escola dita "tradicional", idealizada para um suposto "aluno médio", pode desencadear isso mesmo. Como referiu, alguns desses alunos vivem ainda em contextos familiares com inúmeras fragilidades.

Como valorizamos a individualidade de cada aluno, a organização do trabalho e da escola procura promover a dimensão individual e social de cada percurso educativo. Assim sendo, a tutoria tem um papel importante nesse acompanhamento individualizado. Por outro lado, os grupos de trabalho nos quais esses alunos se inserem também os ajudam na integração no novo contexto, no estímulo pela aprendizagem e na autodescoberta. Há ainda um conjunto de dispositivos, como o "Eu preciso de ajuda" ou a "Comissão de Ajuda", promotores da solidariedade entre todos os alunos da escola.

O fato de os alunos terem a liberdade responsável de escolha das tarefas a realizar, de se promover a aprendizagem pela descoberta e uma perspectiva construtivista do conhecimento leva a que as aprendizagens se tornem significativas. Deste modo, os alunos desenvolvem a motivação intrínseca para a aprendizagem, para se tornarem cidadãos autônomos, solidários e ativos.

Penso que, infelizmente, ainda não foram feitos estudos em relação ao desempenho



dos nossos antigos alunos noutros contextos, por exemplo, escolares. Contudo, pelos testemunhos de alguns colegas e dos próprios alunos, a adaptação a esses diferentes contextos é feita, de uma forma geral, com sucesso, sobretudo pela autonomia adquirida. Uma autonomia posta em prática na habitual dinâmica dos estudos: no auto planeamento, na resolução de problemas, na pesquisa...

Que desafio para nós educadores: fazer acontecer uma escola que atenda a todos, com o amor, afeto, carinho, com conhecimentos científicos com qualidade, que desenvolva o ser, com toda a sua inteireza, de forma plena. Tarefa fácil? Com certeza, não.

É preciso e urgente acontecer uma revolução (mesmo que silenciosa) no sistema educacional. A escola, o ambiente formal para esse desenvolvimento, não tem conseguido atingir aos objetivos, é claro que escrevo o óbvio.

Recordo dos nossos pequenos serem mal tratados, com palavras grosseiras, com insultos... E o pior que não era pelos seus pares, mas por professores, supervisores.

Sei que temos muitos profissionais da educação que buscam encontrar respostas, que querem ajudar a humanidade, o progresso da pessoa e do coletivo, conduzindo-os para o Ser Feliz. Por que não conseguimos fazer mais nós nessa rede? Será que um processo criterioso de avaliação dos profissionais da educação ajudaria a mudar o quadro? Como? Valorização profissional? Será que as nossas universidades precisariam de reformas?

Eu acredito que não é em vão que estamos tecendo essa rede. Nós temos um compromisso de fazer acontecer a revolução necessária e urgente.

Como a bela canção: "Quem sabe faz a hora, não espera acontecer..." Ou vamos escolher chegar ao caos?

Sei que, por mais que queiramos sozinhos não fazemos nada, precisamos buscar parceiros, companheiros solidários. E não estamos sós.

Quem pensou na Assembleia para a Escola da Ponte? Como se deu o processo de criação? Teve algum referencial que o embasasse? O que a assembleia decide em relação à comunidade externa? Qual o nível de escolaridade dos pais? Qual o percentual de presença da família na escola? Quais são os problemas familiares



mais presentes do cotidiano da Ponte? Já aconteceu entre vós, graúdos, algum desrespeito, ou com palavras, gestos, diante dos miúdos? Se afirmativo, com foi feito resgate? As crianças participaram?

Acredito muito na educação, sei, tenho certeza que ela é capaz de ajudar a humanidade, no entanto somos fortes, e nos deixamos enfraquecer. Tenho medo de não conseguir fazer o papel do beija-flor... Há muitos indefesos que não conhecem o que teriam o direito de conhecer, são enganados, mal tratados... E o que nós, o que a escola está fazendo e tem feito por estes SERES?...

Lembro a proposta da Juana, contada no Congresso: juntar todo esse povo que está comungando, partilhando suas inquietudes, seguranças, reflexões, experiências, utopias, em um só lugar. Imagine se pudéssemos mudar a realidade, transformar, incomodar a todos a fazerem as transformações necessárias...

Professor:

É gratificante ler o que escreveu: "Sei que temos muitos profissionais da educação que buscam encontrar respostas, que querem ajudar a humanidade, o progresso da pessoa e do coletivo, conduzindo-os para o Ser Feliz". Partindo dessa afirmação, direi que só precisamos agir como o beija-flor da história do incêndio na floresta. Partamos do que temos: nós.

Parafraseando Kenedy, de um modo livre, em vez de perguntar o que o sistema pode fazer por nós, perguntemo-nos o que poderemos fazer para melhorar o sistema. Um "processo criterioso de avaliação dos profissionais da educação ajudaria a mudar o quadro". Mas como poderemos garantir que o processo seja criterioso. Todas as louváveis tentativas realizadas em Portugal nesse sentido revelaram-se pouco rigorosas e foram aniquiladas pelo corporativismo manifestado por muitos "professores".

É preciso valorizar a profissão, aumentar o seu reconhecimento social. Mas a imagem social da profissão não melhorará enquanto a escola continuar a ser produtora de insucesso e infelicidade. Para exigir reconhecimento, é preciso apresentar resultados. Para conseguir melhores resultados, é preciso elevar a autoestima dos professores. Círculo vicioso?...



Pergunta: "Será que as nossas universidades precisariam de reformas?". Não.

Muitas universidades deveriam ser fechadas...

Quem pensou na Assembleia para a Escola da Ponte foram os professores e os alunos, quando sentiram necessidade de um dispositivo promotor de participação e democraticidade. Como nunca criamos novo, inspirámo-nos em autores como Freinet, Ferrer, Rogers... A assembleia fez intervenções na comunidade externa, quando debateu projetos de intervenção na comunidade.

O nível médio de escolaridade da maioria dos pais é muito baixo, à semelhança do nível socioeconômico. Somos uma escola da rede pública.

A presença da família na escola é constante. O presidente da associação de pais comparece na escola quase todos os dias. As reuniões periódicas são muito participadas. Embora, em períodos de crise, a participação diminua...

Reparei em algumas respostas que vocês reclamam de cansaço. Gostaria que vocês dissessem tudo o que é ruim na escola, que fazem ter vontade de estar em outra, apesar de terem dito que não querem abandoná-la. E gostaria de saber se vocês sentem alguma coisa diferente em relação aos amigos (da rua, do clube, dos primos) que não estudam na mesma escola que vocês.

Aluno:

Quando dizemos "cansaço" é no sentido de remarmos para o lado mais positivo da escola e para que muitas pessoas façam com que o projeto vá mais para a frente...

Aluna:

O cansaço que sentimos é o cansaço característico do estudo. Houve alturas em que esse cansaço era consequência das várias lutas que travávamos para que este projeto continuasse a existir e, várias vezes, pensamos em desistir, pois as forças começavam a faltar. Contudo, agora que olhamos para trás, estando já numa escola diferente, vemos que voltaríamos a fazer tudo novamente, dando valor aos momentos que lá passamos. O cansaço que sentimos é todo ele provocado pelos estudos, que são também muito gratificantes!

Quanto às diferenças que sentimos, quando "nos comparamos" a colegas de escolas



diferentes, estas talvez existam ao nível de respeito cívico, responsabilidade e capacidade argumentativa, que nos alunos da Escola da Ponte se encontra muito desenvolvida.

Como lidam com a "pressão" da sociedade tradicional? No contato com as pessoas que não estão inseridas no ambiente educacional da Escola da Ponte e que por vezes fazem críticas menos construtivas e vaticínios menos auguriosos para o futuro de quem lá anda, como reagem? Ou, melhor, qual a melhor reação para esse tipo de contato menos positivo?

Acham que demasiada "publicidade" poderá vir a prejudicar o projeto da Escola da Ponte?

Como são integrados os alunos que são "naturalmente" tímidos no rol de atividades da EP?

Aluna:

Infelizmente, defrontamo-nos com situações dessas todos os dias e isso de certa forma tornou-nos imunes a tanto "ódio". É obvio que é sempre difícil ouvir pessoas sem conhecimento de causa falarem da Escola da Ponte como algo que deveria ser "erradicado" da face da Terra. Contudo, só há duas coisas a fazer: ignorar (o que, sinceramente, é mais fácil, mas pouco produtivo) ou confrontar a pessoa e dar-lhe a conhecer a VERDADEIRA Escola da Ponte.

É obvio que nem sempre estamos dispostos a "abrir os olhos", uma vez que também sofremos do mal humano que é a pouca paciência e atingimos, por vezes, o limite da mesma. Nesses casos, o melhor é respirar fundo e esperar pelo novo dia, para que possamos ajudar de forma correta a pessoa em questão.

(Eu acredito que o problema é só e apenas falta de informação e que o diálogo é a melhor arma)

Com a publicidade vem a exigência. E, com ela, mais esforço! Penso que a publicidade feita à escola da Ponte permitiu mostrar que é possível inovar e que esta inovação pode ter os seus benefícios. Porém, as pessoas pensam que o que é diferente tem de ser perfeito, o que não é bem verdade! Tudo tem os seus defeitos e não é criticando-os que conseguiremos algo...



Quanto aos alunos tímidos, são integrados como qualquer outro! É obvio que nos primeiros tempos terão de ter mais atenção de forma a conseguirem integrar com facilidade o "método" da Ponte, mas não é nada de especial.

Foi magnífico "ensinar" e aprender convosco, partilhar convosco a experiência da minha infância com um grupo de pessoas que se preocupa com o futuro e que detesta comodidades!

Espero ter contribuído para o vosso conhecimento, para o meu "reconhecimento" e deste nosso projeto, pois é sempre bom, mesmo para aqueles que já o conhecem, relembra-lo. Desculpem-me se, por alguma razão, não consegui tirar as vossas duvidas, ou responder a algumas perguntas.

O que o Ministério da Educação fala sobre a Escola da Ponte? Ou seja, já houve alguma repressão por parte dele?

O Ministério nunca pensou em ampliar o projeto da Escola da Ponte para as outras escolas de Portugal?

Professor:

A atitude do Ministério em relação à escola tem tido oscilações. Durante muito tempo, a Inspeção de Ensino causou muitos obstáculos ao normal desenvolvimento do projeto. Contudo, a Ponte usou de um argumento forte.

Perguntava: "Mostre-me lá, senhor inspetor, em termos pedagógicos, porque é que a sua norma é melhor do que aquilo que fazemos". Penso que houve situações mesmo muito complicadas, mas sempre resolvidas...

Numa segunda fase, a Ponte foi "utilizada" como exemplo de algo que funcionava bem em Portugal. Era mostrada pelo Ministério a todos os visitantes estrangeiros ilustres. Há cerca de seis anos, as coisas pioraram muito e a Ponte passou por uma crise muito grande, provocada, em grande parte pela oposição do Ministro e da Direção Regional de Educação do Norte ao seu normal desenvolvimento.

Neste momento, as coisas estão um pouco mais regularizadas e penso que as nossas relações com o Ministério são cordiais e que caminhamos claramente para entendimentos.

No meio de toda esta questão existem problemas de política local que se refletem, em



grande medida, nas instalações. Parte do Ministério gostaria que o funcionamento da Ponte fosse alargado a outras escolas e, em muitos aspectos, a Ponte foi pioneira em aspectos que depois seriam alargados pelo Ministério a todo o país (a reorganização curricular, as atividades de enriquecimento curricular, os contratos de autonomia, a contratação pelas escolas dos seus professores). Contudo, os aspectos essenciais não se decretam. É necessário que sejam compreendidos e aplicados.

Porque a escola não funciona até ao 12º ano de escolaridade? Qual deve ser o perfil de um professor para ser admitido na escola?

Professor:

A Escola não funciona até ao 12º ano por várias razões: não temos instalações mínimas para os alunos dos nove anos de escolaridade, que temos neste momento; o parque escolar de Vila das Aves está completamente servido em relação ao ensino secundário; o ensino secundário, em Portugal, apresenta uma grande diversidade de cursos, o que leva a que uma escola secundária só se justifique para um número elevado de alunos; e, talvez, porque o Ministério tenha receio... No entanto, creio que os pais dos nossos alunos têm essa ambição.

No Contrato de Autonomia e no nosso Projeto Educativo está explícito o Perfil do Orientador Educativo da Ponte.

“Ter «sobrevivido» a algumas crises complicadas”. Poderia citar algum exemplo que ache relevante e de que forma a crise foi superada? (Ou mais de um exemplo, se for possível.)

Professora:

Nestes 12 anos que estou na Ponte, passei por momentos muito gratificantes, mas também alguns muito difíceis; sobrevivi... Uma das vantagens da Ponte é que não estamos sozinhos e, portanto, quando as crises surgem, há sempre uma retaguarda coletiva, para nos ajudar a encontrar estratégias para ultrapassar essa situação.

Concretamente, as "crises" aconteceram por razões diversas: externas e internas. Começarei pelas externas, como por exemplo, quando o Ministério da Educação adiou



consecutivamente a assinatura do Contrato de Autonomia.

Iniciou-se uma frente comum de tentativa de resolução, desde os pais, que se movimentaram em diferentes instâncias do próprio ministério e na confederação dos pais, também conjuntamente com os professores e outros ligados à educação e com responsabilidade no mundo da investigação, e acadêmicos de todas as universidades, num movimento sem precedentes para pressionar o Ministério e defender a Ponte. Do Brasil, vieram muitas vozes de apoio. E os professores que tinham recebido destaque para a Ponte recusaram sob risco de terem problemas disciplinares...

Quanto a crises internas, posso referir os momentos de alargamento a novos ciclos (precipitadamente, em minha opinião), que trouxe novas exigências de organização e gestão pedagógica; alargamento da equipa de orientadores educativos, criação de novos espaços, que acabam por diminuir os espaços de lazer das crianças,... Tudo isto feito quase da noite para o dia, num projeto simples, que envolve uma complexidade organizacional significativa. Ainda hoje se sentem os efeitos desta mudança, tão rápida e nada antecipada.

Como ultrapassamos esta mudança? Fazendo reajustes estratégicos constantes, discutindo com toda a equipe os problemas que iam surgindo, procurando coletivamente algumas respostas imediatas e urgentes.

A par de tudo isto, o nosso processo de formação em projeto foi e vai decorrendo, o tempo tem demonstrado que está tudo por fazer e talvez (uma vez mais) se aproxime uma nova crise, com a construção da nova escola...

Uma coisa que me vem bastante à cabeça é essa relação entre a prática na Ponte e as imposições curriculares. O Contrato de Autonomia seria uma espécie de "permissão" assinada pelo Ministério para que as Escolas Públicas possam se organizar de um jeito próprio, sem, no entanto, deixarem de atentar-se ao cumprimento do currículo? Enfim, sendo mais objetiva, gostaria de saber o que seria esse Contrato de Autonomia.

Professor:

Sim, a ideia original seria essa. O Ministério passaria para as escolas uma grande parte das competências que detém (a nível financeiro, gestão de pessoal e de organização).



Paralelamente, as escolas têm de prestar "contas" mais rigorosas ao Ministério (até no nível de resultados escolares).

Infelizmente, o que começou como uma boa idéia (em 1998) demorou muito tempo a ser aplicado. Depois, quando se começou a aplicar, o Ministério resolveu tentar generalizar a todas as escolas. Neste momento, o Ministério está a "forçar" as coisas para que todas as escolas tenham Contrato de Autonomia.

O Contrato de Autonomia da Ponte foi uma esperança. No fundo, essa esperança tem-se desvanecido aos poucos. Muitas das coisas que a Ponte pretende fazer não estão ao abrigo da lei geral. Assim, mesmo havendo Contrato de Autonomia, não o podemos fazer... É complicado e contraditório. Aliás, neste momento, o Ministério da Educação está a implementar um novo sistema de avaliação de professores e quer forçar a Ponte a aplicá-lo diretamente. O Contrato de Autonomia diz em que moldes a avaliação dos professores da Ponte deve ser feita, mas esbarra com a lei geral.

Em relação ao próprio currículo, existe a ideia de abandonarmos os programas do Ministério da Educação. Há alguns anos atrás o Ministério lançou um documento intitulado: Currículo Nacional do Ensino Básico – competências essenciais. A ideia era que este último viesse num curto período a substituir os programas. Os dois documentos são, em muitos pontos, contraditórios, mas mantêm-se em vigor. Nós gostaríamos de abandonar, definitivamente, os programas e passar a guiar-nos só pelas "Competências". Enfim, coisas de quem quer ser um pouco diferente...

O Contrato de Autonomia da Ponte pode ser encontrado no site: <http://www.escoladaponte.com.pt/>

Você disse: "o tempo tem demonstrado que está tudo por fazer e talvez (uma vez mais) se aproxime uma nova crise, com a construção da nova escola." Você acredita (pressente) que essa possível crise pode estar relacionada com o que? De que forma ela se relacionaria com os fundamentos teóricos do projeto pedagógico da Ponte? (Também não ficou muito claro para mim o que você quis dizer com "nova escola"; existe algum projeto de renovação da própria escola da Ponte?)

Professor:



Existe mesmo a projeção de construção (física) de uma nova “Ponte”, outro edifício. O problema é que o edifício deverá ser feito numa localidade perto de Vila das Aves. Mas existe uma história de muito má convivência entre as duas comunidades e uma rejeição muito grande em relação à Escola da Ponte.

Na última sexta-feira, tivemos reunião do Conselho de Pais (órgão máximo da Escola, onde só os pais podem votar) que definiu (já é a segunda vez) que não deveremos ir para a nova escola, se ela for construída (por razões de politicagem local) na outra cidade. Contudo, a administração educativa está a fazer pressão... Creio que será mais um teste muito grande à força da Ponte.

Paralelamente, o Ministério quer obrigar-nos a alterar algumas decisões tomadas democraticamente em Conselho de Projeto relacionadas à forma de constituição dos nossos órgãos de gestão (parte mais burocrática) e na avaliação dos docentes para efeitos de progressão na carreira (parte burocrática, mas fundamental para nós, enquanto profissionais).

"Os Ministérios da Educação - como é óbvio - não têm muito interesse em abdicar do controlo do sistema educativo a menos não seja possível outra solução! Foi o caso da Ponte... Assim, depois de realizada uma avaliação externa à Escola da Ponte e provada que ficou a sua capacidade de agir responsabilmente num quadro de autonomia foi consagrado o primeiro Contrato de Autonomia em Portugal!"

A impressão que eu tive (não só pela resposta como pelo pouco que conheço da história da Ponte) é que a mudança, a elaboração de um novo projeto, parte da mobilização de educadores que costumavam atuar em uma escola tradicional, mas que em determinado momento se veem cúmplices das mesmas ideias e decidem se reunir para modificar aquela realidade na qual atuam. E, a partir daí, agem, modificam, e a permissão legal ao novo projeto vem depois, caso seja avaliado que a mudança foi positiva e deu certo (e ser positiva significa, para o Ministério que avalia, conseguir se enquadrar nas exigências da lei). Gostaria de saber então: essa minha impressão está certa? Foi assim que ocorreu na Ponte, ou seja, houve num primeiro momento uma "transgressão" às normas, para que só então o Ministério, ao pensar "é, não tem jeito mesmo, esse povo não vai



calar...", concedesse o Contrato de Autonomia?

Professor:

Convém, nestas análises, acautelar as várias dimensões do processo de autonomização da Ponte, sob pena de elas não terem razoabilidade. O fator contexto sócio-político é absolutamente determinante, para se compreender o processo de afirmação desta realidade não convencional. Passo a explicar (de uma forma simplista): até 25 de Abril 1974 Portugal «vivia» num regime de ditadura; como em qualquer regime totalitário, o controlo sobre as instituições era muito efetivo. Depois da revolução de Abril, Portugal mergulhou num período de grande turbulência social e instituiu-se o regime democrático. No entanto, em 1976, com a nova Constituição, entramos num «período de normalização» que assegurou o funcionamento das instituições. Quero com isto referir que o início do nosso projeto dá-se neste período conturbadíssimo...

Houve um primeiro momento em que se questionou a Escola. Dessas angústias surgiram outras possibilidades que não as tradicionais... Num segundo momento, essas possibilidades foram-se «instituindo» à margem do que estava decretado. Tal foi possível com a ajuda dos pares e, sobretudo, da comunidade.

Sendo mais simplista: é óbvio que só existimos porque em dado(s) momento transgredimos sucessivamente, mas conscientemente, o que estava decretado pelo Ministério. Parece descaramento, mas se assim não fosse, não existiríamos. A ruptura com o instituído resultou de um processo de consciencialização sobre o poder esmagador que as normas e processos burocráticos podem ter sobre as instituições educativas.

Professor:

Sim, a situação foi mesmo essa. Existem vários casos de medidas que a Ponte começou aplicar e o ministério reagiu. O último caso é o da Gestão das Escolas.

O Ministério acabou por obrigar as escolas a criarem um órgão em tudo semelhante ao nosso Conselho de Direção... Aliás, no preâmbulo do nosso Contrato de Autonomia existe uma referência explícita a isso. Creio, muito sinceramente, que não haverá outra hipótese e que proximamente teremos de "forçar a barra" em relação a outros assuntos. Não nos calamos e agimos, porque os pais também estão do nosso lado. Os pais



possuem uma liberdade de expressão muito maior. Aliás, ainda recentemente lembraram a elementos da gestão que são funcionários públicos e que têm de respeitar as hierarquias...

São muitos os obstáculos ao adotarmos uma nova postura em relação ao aprendizado dentro de um sistema tradicional de ensino, como por exemplo, o programa, os conteúdos, as avaliações etc. Mas, entre estes fatores, acho que o grande problema é quebrar a resistência dos alunos em se manterem como são e estão. Em outras palavras, é muito difícil fazer com que os alunos tenham um tipo de atitude durante duas horas por semana (que é a carga horária da matéria que leciono) totalmente diferente da atitude que eles têm durante as outras horas. Gostaria de saber se acham possível imprimir isoladamente este senso de autonomia e motivação dentro de uma escola "tradicional", onde a maioria dos colegas não tem essa preocupação.

Professora:

Tudo é possível... Penso que será possível imprimir essa motivação numa escola tradicional, ainda que esta seja feita por um só professor. É claro que, numa escola em que toda a dinâmica se orienta dentro desse espírito, onde todos os intervenientes atuam segundo princípios que todos conhecem e se trabalha para um só objetivo, se torna mais fácil. Penso que nenhum professor se deve deixar condicionar em demasia pelas contingências do sistema. Se você tem a convicção que as coisas podiam ser diferentes ou melhores, nada melhor do que começar na sua sala de aula. Pode ser que outros o sigam e, dentro de algum tempo, se verifique uma alteração do *status quo*.

Acredito que os momentos de crises são ótimos para despertar o lado criativo de todos nós. Gostaria de saber se elas são fruto de pressões externas ou de âmbito externo. Existe algum projeto prospectivo, a fim de garantir a continuidade da Escola da Ponte?

Professor:

Ao longo dos anos, a escola sofreu muitas pressões externas. Houve momentos de crise agudas e o projeto esteve realmente para ser "abatido". Mas a força da



comunidade educativa impediu que tal acontecesse. Ainda recentemente esse apoio de toda a comunidade se fez sentir quando, mais uma vez, se pretendeu ameaçar a continuidade do projeto. Podemos dizer que já nos habituamos a essas pressões.

Em relação à metodologia de trabalho é natural que os pais tenham reservas.

Mas, na Ponte, encontram um espaço onde podem colocar as suas dúvidas, opiniões e críticas. Não criamos barreiras artificiais a essas pressões, abrimos os braços. São também elas que nos permitem melhorar constantemente.

A maior fonte de pressão somos nós próprios. O trabalho visto sempre de uma perspectiva coletiva é sempre inacabado, imperfeito. Nós somos os nossos maiores críticos. E conseguimos ser agrestes nas nossas críticas. É verdade que o projeto é uma construção humana, sempre sujeita a grandes tensões e conflitos.

A abertura, a solidariedade e a amizade vão conseguindo manter a (difícil) estabilidade do corpo de orientadores. É difícil prever o futuro e dizer que está assegurada a continuidade do projeto. Mas temos um conjunto de orientadores motivados e um apoio (quase) incondicional dos pais. Enquanto assim for, a continuidade do projeto está assegurada. Aliás, diga-se que nós somos um projeto com mais de 30 anos, ao qual a tutela continua a chamar "experiência pedagógica"...

Estou surpresa e precisando compreender melhor o que é dito a respeito do "corpo docente, com honrosas exceções", como a falta de humildade para aprender, para perguntar, quando não se sabe, para ouvir críticas, não promover "grupinhos" em vez de promover a solidariedade etc. Essas considerações vão totalmente contra tudo aquilo que li, ouvi, e que me encantou, sobre a Escola da Ponte. Confesso que estou confusa. Será que não compreendi suas palavras?

Pai de aluno:

Não há jardim sem rosas e, por conseguinte, não há rosas sem espinhos. O que tem ouvido e lido é verdade. O alargamento ao 2o e 3o ciclos (do 5o ao 9o ano do ensino básico) implicou a participação de mais do triplo de professores que havia até à 4a vez (1o ciclo do ensino básico).

Para que se atinjam consensos, é preciso tempo. Para que, com uma mente aberta, atitude humilde, espírito de sacrifício, cooperação e um pouco mais de rigor profissional



na aplicação da filosofia do projeto, se volte ao nível das considerações que têm ouvido e lido dos intervenientes.

Considere as minhas palavras como sendo uma visão pessoal de um processo em crescimento que, neste caso, como em tantos outros, tem as suas fases boas e menos boas no crescimento para a excelência. Talvez tenha sido demasiado saudosista ao pensar no passado recente da escola... E espero não ser "radicalmente interpretado" nas minhas palavras, porque eu continuo a dizer que prefiro o menos bom da Ponte do que o melhor da "escola tradicional".

Em meu trabalho (de formação de professores) já me deparei com situações em que professores cobram uma postura disciplinar de seus alunos, quando eles próprios não conseguem esperar a vez de falar, cochicham nas palestras, atendem o celular nas aulas, entre outras coisas; isso, sem qualquer estranhamento da situação, como se fosse coisa natural, um direito do professor. Tal posição me parece uma forte contradição com a função do educador, mas infelizmente, não é raro que aconteça nas escolas brasileiras.

Acredito que não é possível ensinar cidadania numa escola, enquanto os professores continuarem adotando a política do “não faça o que eu faço, mas o que eu digo”. O modelo de conduta dos professores tem uma forte influência na formação dos alunos, eu suponho.

Na escola da Ponte, vocês já se depararam com alguma situação em que o professor é desrespeitoso com o ambiente de aprendizagem, se desimplicando de sua função educativa? O que foi feito nesse caso?

Pai de aluno:

Na Ponte, estão definidas e afixadas as regras quer para a comunidade educativa quer para as visitas e, nos "direitos e deveres", entre outras recomendações, lá está o dever de "desligar o telemóvel" (celular)... Como não se trata de uma organização militarizada, quando o orientador educativo (professor) inadvertidamente desrespeita o estabelecido, humildemente pede desculpa pelo fato de se ter apercebido da infração, ou quando "chamado à atenção" por um colega, ou mesmo por um aluno.

Esse é um dos princípios orientadores do projeto, pese embora, nem sempre seja



atingida a homogeneidade que se deseja posta em prática...

